



# A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA, OS IMPERATIVOS DO IDEAL DO EU E OS DIAGNÓSTICOS DE DEPRESSÃO

CONTEMPORARY SOCIETY, THE IMPERATIVES OF THE IDEAL OF THE SELF AND THE DIAGNOSES OF DEPRESSION

Mariana Fontoura Mauad Castro<sup>1</sup>  
Elisa de Santa Cecília Massa<sup>2</sup>

---

**RESUMO:** O presente trabalho pretende abordar, à luz de conceitos psicanalíticos, principalmente de Freud e Lacan, algumas consequências da relação entre o rápido desenvolvimento tecnológico e social observado nas últimas décadas e os sujeitos submetidos a esta lógica. Pretende-se refletir sobre a relação do sujeito com o que parece se apresentar como um estado de profunda frustração frente um objetivo não satisfatoriamente atingido. Desta forma, serão apontadas algumas considerações no que concerne às queixas que vêm se tornando comuns e que parecem se assemelhar a casos nos quais os sujeitos são diagnosticados como melancólicos ou depressivos. Em seguida, é apresentada a hipótese de que o imperativo capitalista de gozo, somado à sua grande produção e oferta de gadgets e ideais, podem estar relacionados tipos de sofrimentos estudados neste trabalho. Por fim, apresentaremos a psicanálise como uma possibilidade de aposta acerca do saber fazer com o que se coloca para estes sujeitos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ideal do eu; Melancolia; Depressão; Psicanálise.

**ABSTRACT:** The present research intends to study, in the light of psychoanalytic concepts, some of the consequences of the relationship between the fast technological and social development seen in the last decades and how individuals are being submitted to this logic. This research aims a reflection about the relation of the individuals to what seems to be presented as a state of deep frustration when they are not able to satisfactorily achieve an objective. In order to do this some considerations will be shown about the complaints mostly heard in cases where individuals have been diagnosed as melancholic or depressive. Next the hypotheses presented is that the capitalism towards the social environment works as an imperative of enjoyment and production, besides to the big offers of gadgets and ideals might be related to some kind of suffering studied in this research. At least, psychoanalysis will be thought as a possibility of treatment and place of production of knowing how to do with these imperatives and ideals.

**KEYWORDS:** ideal self; melancholy; depression; psychoanalysis.

---

## 1 INTRODUÇÃO

A constituição do processo civilizatório, como já propôs Freud em “O mal-estar na civilização” (1930/2011), se deu a partir de grande esforço por parte dos indivíduos de um grupo em conseguir controlar sua agressividade, a fim de que pudessem sobreviver mais e se organizarem coletivamente. Contudo, a partir dos novos laços que passaram a se estabelecer entre os membros das tribos, iniciou-se também a noção do que hoje conhecemos enquanto família e, segundo as teorias freudiana e lacaniana, os desdobramentos psíquicos derivados destas relações.

---

<sup>1</sup> Psicóloga. Graduada em Psicologia, PUC-MG. Pós-Graduada em Psicanálise e a Clínica Contemporânea, UNA. psimarianam@gmail.com

<sup>2</sup> Psicóloga e psicanalista. Mestra e Doutora em Estudos Psicanalíticos pela UFMG. Autora do livro As horas que separam duas mortes: da melancolia ao impulso suicida (Ed. CRV, 2016). elisamassa09@gmail.com

À medida que as tribos cresceram e se desenvolveram, ampliaram-se também seus modos de se relacionar, seus costumes, técnicas, modos de trabalho e conhecimentos até o que se tem atualmente, na contemporaneidade. A contemporaneidade é a base sobre a qual este trabalho pretende pensar a relação entre o desenvolvimento social e tecnológico – pautado sobre o discurso capitalista de super (re)produção em massa - e a maneira como os indivíduos podem estar sendo afetados por eles.

A partir da ideia de que o desenvolvimento da globalização avança de maneira nunca antes vista, levando-se em conta a rapidez com a qual hoje é possível transmitir uma informação, inclusive em larga escala e em poucos segundos, é levantada a hipótese de que os sujeitos estejam sofrendo consequências psíquicas destas mudanças.

Mais especificamente, refletimos acerca da possibilidade de o imperativo do discurso capitalista e suas maneiras de exigir as mais abrangentes – ainda que radicais – formas de sucesso estarem relacionados à frequência da ideia de frustração observada nos dias atuais. O que se questiona é a força dos ideais que atingem estes indivíduos os quais, ao não conseguirem alcançar uma meta estabelecida, apresentam sintomas frequentemente relacionados ao diagnóstico da depressão, tais como desânimo, baixa autoestima, tristeza, entre outros. É preciso ressaltar que estas não são as únicas respostas possíveis ao imperativo do discurso capitalista, embora optemos por privilegiá-los nesta análise.

Desta forma, discutiremos a presença do que Freud denominou como mal-estar desde o início do processo civilizatório para, em seguida, refletir sobre possíveis mudanças em suas formas de manifestação, também serão utilizados conceitos lacanianos para abordar o tema. Justificaremos a relação entre desenvolvimento, capitalismo, frustração, depressão/melancolia e o lugar do sujeito imerso nesta lógica. Por fim, apresenta-se a psicanálise como oferta de um lugar atípico de discurso, onde é possível uma escuta diferenciada de si e consequente saber fazer diferente com a angústia que se apresenta.

## **2 O MAL-ESTAR COMO CONDIÇÃO FUNDANTE DO SOCIAL**

A ideia de um mal-estar que permeia as relações sociais não é nova. Há séculos é possível observar poesias, músicas, peças de teatro e demais criações artísticas que abordam sentimentos relativos a alguma forma de sofrimento psíquico.

Sigmund Freud (1856-1939), médico e fundador da psicanálise, dedicou algumas de suas obras ao estudo desse mal-estar, a fim de compreender e elaborar sobre o fenômeno. O autor viveu durante o período das duas grandes guerras, épocas nas quais a sociedade passou

por muitas mudanças sociais em relação ao mercado de trabalho, mão de obra, papéis sociais, relação com a ideia da morte, crenças, entre outros. Tendo este cenário como plano de fundo, escreveu “O mal-estar na civilização” (1930).

Na obra, Freud (1930/2011) teoriza acerca do início e perpetuação do processo civilizatório, afirmando que este se define pela “inteira soma das realizações e instituições que afastam a nossa vida daquela de nossos antepassados animais, e que servem para dois fins: a proteção da natureza e a regulamentação dos vínculos dos homens entre si” (FREUD 1930/2011, p. 34). Ou seja, afirma que foi necessário para o ser humano instituir novas formas relacionais, partindo da conjunção de ideias e tratados, com os outros diferentes de si.

Contudo, apesar do desenvolvimento e dos ganhos advindos desta evolução, o sujeito também foi convocado a abrir mão de parte da sua liberdade. Freud afirma: “A liberdade individual não é um bem cultural” (FREUD, 1930/2011, p.41). Antes do processo civilizatório o ser humano pouco tinha condições de defendê-la, o que faz dela, portanto, paradoxal, na medida em que só é possível ser mais livre quando se aceita o mal-estar relativo às restrições pulsionais que são exigidas pela vida em sociedade.

Tendo em vista, portanto, que o mal-estar é considerado condição fundante da civilização, indaga-se o motivo pelo qual a cada dia mais sujeitos são diagnosticados como sendo depressivos ou relatam muita angústia no que diz respeito a algum – ou todos – os âmbitos de suas vidas. De acordo com relatório da Organização Mundial de Saúde – OMS, em 2017, constatou-se aumento de 18% entre 2005 e 2015 no número de indivíduos incluídos no grupo classificado como depressivos.

### **3 MAL-ESTAR, DEPRESSÃO E PSICANÁLISE: UMA LEITURA FREUDIANA SOBRE O LUTO E SEUS DESDOBRAMENTOS POSSÍVEIS**

O uso do termo “depressão” tem sido cada vez mais recorrente, sendo destacado como merecedor de atenção social, pois os diagnósticos que apontam para este quadro têm sido produzidos em uma escala crescente. Tourinho (2003) afirma que a Organização Mundial da Saúde prevê que a depressão seja um problema de saúde pública, ultrapassando doenças cardiovasculares. Esta autora cita Freud e diz que esta teoria aponta para “uma nova maneira de pensar o sofrimento psíquico: enfatizando a noção de conflito entre as possibilidades efetivas de realização de um indivíduo e os imperativos de um ideal exigente” (TOURINHO, 2003, p. 28). É sob esta perspectiva que Freud desenvolve a teoria da castração, considerando que o sujeito é constituído dentro de um conjunto cultural pré-estabelecido que impõe a ele normas

e costumes à serem seguidos. A partir disto designa conceitos tais como eu ideal, o qual faz referência ao narcisismo primário, quando o sujeito vive uma relação imaginária com a mãe – ou pessoa que se presta aos cuidados do bebê – na qual ambos se bastam um ao outro, e também, relacionado a ele, o conceito de ideal do eu. Este último se relaciona ao primeiro na medida em que, após a castração e o complexo de Édipo, concomitante à introjeção, por parte da criança, de que ela e mãe não se bastam aponta para a criança um ideal imaginário daquilo que ela deve ser ao longo de sua constituição e desenvolvimento.

Em “Luto e melancolia” Freud (1915/1996) aponta para a relação entre o sofrimento pela perda do objeto e as formações psíquicas voltadas ao eu. O autor afirma que tanto no luto como na melancolia o que se percebe é a perda do objeto de amor. Tal objeto é escolhido tendo como base identificações narcisistas da primeira relação com a mãe, desta forma, na ausência de um objeto de amor a energia anteriormente a ele destinada retorna ao eu. “A identificação narcisista com o objeto se torna, então, um substituto da catexia erótica e, em consequência, apesar do conflito com a pessoa amada, não é preciso renunciar à relação amorosa.” (FREUD 1915/1996, p. 3).

O autor afirma que luto e melancolia apresentam aspectos semelhantes, que apontam para uma maneira diferente de lidar com a vida, como a perda da capacidade de amar, inibição de toda ou qualquer atividade e a falta de interesse pelo mundo externo. Contudo, na melancolia também se observa a diminuição da autoestima, característica ausente no processo de luto.

No luto, o sujeito perde o objeto depositário do amor e precisa redirecionar a libido, ele sabe quem perdeu e pelo o que lamenta. Já a melancolia se distingue do luto na medida em que, quando se dá a perda do objeto de amor, a libido fica represada no eu, portanto se estabelece uma identificação do sujeito com o objeto abandonado. A partir disso, Freud (1915/1996) afirma que a perda objetual se transmuta na perda do eu o qual, como consequência, pode ser julgado como o objeto. É por esta característica que Freud irá descrever a melancolia como uma neurose narcísica.

O afeto prevalente nos casos de depressão é a tristeza a qual, por sua vez, também passou a ser interpretada de maneira diferente, com o passar do tempo. Atualmente, em um mundo cujos ideais visam altas estatísticas de produção e resultado, as possibilidades de acolhida do fracasso diminuem na mesma proporção. Contudo, apesar da evolução dos conhecimentos humanos sobre sua espécie, sua inerente condição de falibilidade os limita, impossibilitando seu desenvolvimento na mesma velocidade. Assim, é impossível pressupor um desenvolvimento na mesma rapidez ou à altura dos avanços tecnológicos.

### 3.1 Considerações acerca das teorias lacanianas sobre a depressão e a melancolia

Vieira, Bastos & Teixeira (2017) afirmam que a psicanálise não reprova o deprimido, mas tem um posicionamento ético acerca da depressão. Os autores relatam que, com base da teoria discutida por Lacan no texto “Televisão” (1973), o afeto depressivo se caracteriza como uma covardia moral. O termo se refere ao posicionamento do sujeito, o qual teria se retirado da aposta subjetiva do bem dizer, da produção de um conhecimento próprio sobre si, suas queixas e desejos, e que dessa forma, portanto, estaria frouxo frente à estrutura simbólica do desejo, visto que para tanto se faz necessário não apenas um reconhecimento da falta, mas um movimento de produção de saber fazer com isso que se lhe apresenta.

Os autores afirmam que Lacan relaciona a falta moral ao conceito de pecado utilizado por Dante e Espinosa - os quais trabalham a ideia do primeiro pecado bíblico como sendo algo que hoje já assumiria pelos sujeitos alguma responsabilidade sobre seus atos errôneos, visto que no início houve um erro crucial que marcou seus destinos por toda eternidade por vir - e continuam explorando a ideia de que a psicanálise parte do princípio de um “pecado original” e estruturante do sujeito e, como consequência, ao sentimento de culpa. Para a teoria lacianiana, a culpa ressoa da própria divisão do sujeito, atravessado pela linguagem – que o precede – e que determina seu gozo como impróprio, traindo assim sua via desejante.

Para a psicanálise, o pecado é original, no sentido não religioso, mas no sentido em que a culpabilidade, longe de ser um dado contingente ou circunstancial, é um fato de estrutura. Ela resulta do próprio efeito de divisão que a linguagem imprime sobre o sujeito, fazendo com que ele perceba o gozo próprio como qualificado de impróprio pelo discurso que o determina. Tal é a raiz da autorreprovação experimentada na vergonha e em sentimentos afins, em que o sujeito, por não se reconhecer em determinado modo de satisfação pulsional, passa a recusá-lo como desejo culpável. A expressão dessa recusa é o sentimento de culpabilidade inconsciente [...], que faz com que o sujeito encontre sua satisfação no sofrimento, por só aceder ao gozo que a linguagem lhe interdiz pela via do desprazer. (VIEIRA; BASTOS; TEIXEIRA, 2017, p. 152-153).

A colocação supracitada, explica sumariamente a condição do gozo, no que se refere à condição de aceitar a satisfação pelo sofrimento, e sobre ela não movimentar-se no sentido da produção de um saber sobre o desejo.

Em contrapartida, a psicanálise convoca o sujeito a localizar, a produzir um saber sobre si, a se aproximar de sua causa de desejo, a apropriar-se mais dela, de forma que o sujeito possa se movimentar ao invés de fixar-se na ideia de seu desejo proibido.

Quinet (2013) afirma que as perdas vividas pelo sujeito denunciam a condição da falta, sua castração, e a maneira pela qual é possível lidar com ela é a partir do desejo. Dessa forma,

o desejo aparece como saída para a falta, na medida em que é devido a falta que ele se dá. Contudo, na medida em que o sujeito abre mão de seu desejo, trai sua via desejante e a culpa lhe acomete. Em “Psicose e laço social” Quinet (2013) diz que o sujeito culpa três destinatários, dois antes de voltar-se para si, sendo eles: a sociedade que não dispõe de objetos que saciem seu gozo, e o Outro, que não lhe dá o que ele quer. Este último acontece quando, ao perceber que o Outro não tem o que lhe dar para saciar a falta, uma vez que também é castrado, o sujeito retorna a culpa sobre si, julgando seu gozo como inadequado. Neste segundo destinatário há uma confusão inicial por parte do sujeito, já que em um primeiro momento de vida o Outro aparece para ele como resposta a todas as suas necessidades e, portanto, seria capaz de tudo lhe prover.

Como resultado desta operação se dá o que o autor chama de “falta moral”, que tem como consequência a autoacusação e a auto depreciação, as quais são algumas das características presentes na melancolia, e já expressas por Freud (1915) em “Luto e Melancolia”. “O sujeito se sente culpado de sua impotência, pois sente o impossível como impotência, como se pudesse fazer alguma coisa e não dê conta. O não dar conta é sempre queixa do impotente, mas na verdade trata-se de um prestar contas” (QUINET, 2013, p.176).

Quinet (2013) escreve que o sujeito, ao alcançar o que imagina ser o ideal e não se satisfazer com ele, está em plena realização incestuosa, para além da Lei transmitida com a castração, localizando a melancolia no campo das psicoses, visto que como consequência disso se dá a falta moral, a qual se caracteriza pela falta da falta que constitui o desejo.

A retaliação é consequência do sentimento de culpa. O sujeito então se depara com esse impossível do suportar do gozo, e a falta estrutural do desejo se torna falta moral. A depressão é um índice do sujeito em plena realização do desejo incestuoso. A falta moral é a falta da falta constitutiva do desejo; é um indício de que o sujeito se encontra para além do princípio do prazer, pois ultrapassou os limites do Édipo, estrutura em que a Lei funda o desejo. (QUINET 2013, p. 177).

Em “O tempo e o cão”, Kehl (2017) trata a questão da dor moral citada por Quinet e contra-argumentada por Lambotte. Esta última defende a ideia de que, diferentemente de Quinet, a melancolia não esteja no campo das psicoses, mas sim das neuroses narcísicas - como fora abordado por Freud, na medida em que estaria pautada a uma relação entre sujeito e objeto anterior à castração. Esta ideia se relaciona ao já exposto inicialmente neste texto, a respeito da identificação do sujeito com o objeto abandonado.

A partir da concepção de Lambotte, Kehl (2017) trabalha a dor moral como um sentimento de desvalia do eu, desde o início descreditado do desejo do Outro materno. A autora

afirma que a dor se torna tão grande para o sujeito que se faz necessária a produção delirante como tentativa de tentar entender seu sofrimento. Segundo Kehl (2017), o discurso observado nos atendimentos dos melancólicos e nos atendimentos dos depressivos é o que demarca a maior diferença com relação à estrutura do sujeito.

Enquanto na depressão há uma busca por algum acontecimento que tenha causado o sofrimento, o qual o analista possa ajudar a descobrir, na melancolia o que se vê é uma história negativista que não permite aberturas.

Além disso, a autora afirma que também é possível observar uma tentativa de *assimilação* (destaque da autora) total do analista por parte do analisante e, ainda, pela via oral, o que remete mais uma vez a posição do sujeito ao objeto perdido, que teria acontecido em uma fase bem inicial, da amamentação.

O bebê tem seu lugar no discurso materno desde antes da gestação, de modo que, ainda antes da concepção da criança, esse bebê é imaginado, falado, e sonhado pela mãe. Acrescenta-se ainda que a gravidez, para a psicanálise, se configura como uma das tentativas da mulher de ter o falo. Contudo, como este é um significante simbólico, não é passível de representação e, com isso, a mãe se frustra, pois não há equivalência possível entre esta representação e o bebê que chega. No caso de uma mãe neurótica, é possível que, apesar das frustrações, ainda sejam feitos investimentos no bebê, não o retirando de seu lugar de desejo, enquanto a mãe do melancólico o trata como ser vivo que precisa de seus cuidados para sobreviver, não sendo, portanto, inserido no campo das simbolizações.

A presença do recém-nascido, para uma mãe suficientemente neurótica, nunca recobre plenamente a expectativa de que esse foi objeto antes do nascimento. A contrapartida desse estatuto simbólico da criança junto à mãe é que ele protege o *infans*, nas ocasiões em que fatalmente frustra a fantasia materna, de cair de objeto para dejetos. A mãe suficientemente boa, que na melhor das hipóteses é a mãe neurótica, suporta ser frustrada em algumas das expectativas que projetou sobre o recém-nascido sem expulsá-lo do lugar que ele ocupa frente a seu desejo. A mãe do melancólico, incapaz de simbolizar o *infans*, por outro lado também não confere a ele, como é o caso da mãe do futuro esquizofrênico, o lugar de objeto de sua satisfação completa. Ela se ocupa do bebê como de um pedaço de carne, como de uma vida exclusivamente biológica que ela teria o dever de preservar. O futuro melancólico não foi, portanto, marcado pela significação fálica; ele inaugurou sua existência como um rebotalho do simbólico. (KEHL, 2017, p.199-200).

Ainda segundo Kehl (2017), a mãe do melancólico passa, no entendimento da criança, por não submetida à lógica fálica, não por aludir à completude em sua relação com ele, mas exatamente por não se dirigir a ele para alcançar sua satisfação. Contudo, a autora alerta que, apesar desta percepção por parte da criança, na maioria das vezes o que se vê é uma mãe ab-

sorta em depressão, melancolia ou outra dor que não a permita se alegrar com a chegada do bebê.

Com estas considerações, a autora afirma três elementos na formação do sujeito melancólico, sendo eles: a condição de não ter sido falo da mãe, que o inscreve numa lógica onde não há objeto causa de desejo; sua questão é com o Outro – que não se apresentou ou se retirou cedo demais – diferentemente dos sujeitos neuróticos, os quais têm sua questão relativa ao falo; e a forclusão do Nome-do-Pai, visto que este não é transmitido pelo discurso da mãe para a criança.

Ainda para a autora, no caso da depressão o sujeito foi investido pelo desejo da mãe, passou por uma identificação fálica e foi destituído desde lugar. O sujeito foi apresentado ao lugar de falo da mãe e ao Nome-do-Pai, ele viveu o Édipo. A dor moral que o assola é de outra natureza, ele não simboliza a castração e, para além disso, a sente como motivo de vergonha e falha narcísica. Estas questões se colocam, pois ele teria se acovardado frente a rivalidade com o pai e com seus substitutos, os quais lhe são apresentados ao longo da vida. Kehl (2017) diz que, desta forma, permanece fixado em uma formulação imaginária infantil da castração, ocupando o lugar daquele que nada pode. O depressivo, portanto, se retirando da rivalidade com o pai, como consequência se envergonha. Quinet diz que, na clínica das depressões, a virada do depressivo é quando há a percepção de que o impossível não o define como impotente, mas que “o que não tem remédio, remediado está” (QUINET, 2013, p. 176).

A autora ressalta que neste momento é comum que o depressivo apresente muita agitação, que pode se assemelhar a um estado de mania, mas neste caso suas motivações são de natureza muito diferente. Kehl (2017) afirma que, quando o depressivo decide por apostar em sua capacidade, o que se coloca é uma ansiedade relacionada ao fato de que, para alcançar seu objetivo, é necessário partir do princípio de que existe a chance de se deparar com obstáculos e, sobretudo, fracassar. Assim, a autora explicita que o sujeito tem que se responsabilizar por reconhecer que ele “há de enfrentar a realidade de que há o Outro e também os outros, seus semelhantes, seus rivais, “irmãos” com quem ele recusou a jogar para não perder. É o momento de dar conhecer sua potência, mas também seus limites” (KEHL 2017, p. 202).

### **3.2 A posição depressiva e as depressões neuróticas**

Kehl (2017) aborda o fato de que existem os sujeitos em posições depressivas – as quais trata enquanto neurose narcísica, a partir de uma leitura freudiana – e os neuróticos que apresentam estados depressivos, episódios que podem ocorrer ao longo de suas vidas, os quais

também podem acontecer devido a uma perda do objeto de amor. Entretanto, apesar de apresentarem sintomas semelhantes aos da melancolia – devido à culpa inconsciente pertencente à neurose – estes podem ser resolvidos quando em análise.

A autora explicita o valor do tempo de cada sujeito para realizar o processo de luto que o acomete após cada perda, afirmando o papel fundamental de proteção do psiquismo ocupado por este período e, ainda, que sua não resolução pode resultar em ocorrências depressivas na neurose.

Para trabalhar a possibilidade da ocorrência depressiva na neurose obsessiva, Kehl (2017) cita a teoria freudiana que descreve o filho como aquele que é o preferido da mãe, “chamado para suprir a insatisfação dela, ou na ausência do pai ou nos pontos em que o pai falha em satisfazê-la” (KEHL, 2017, p. 208), sendo que, ao mesmo tempo em que tenta responder ao chamado da mãe, é também dedicado em atender às versões imaginárias da Lei. Ao ser tão fiel à Lei, não consegue simbolizá-la bem e, por isso, tenta incansavelmente tamponar a castração do pai – ainda que não deixe de rivalizar com ele e/ou nas tentativas de transgressão para se reafirmar como “exceção nesse mundo” (KEHL, 2017, p. 209). Desta forma, alguns episódios depressivos na neurose obsessiva podem acontecer a partir da tentativa de atingir um ideal, ainda identificado ao pai, a fim de reforçar seu lugar para o Outro materno e fracassar.

Nestes casos, o episódio seria resultante do sofrimento pela perda de amor ou por uma condenação do supereu, o que a autora afirma como sendo ainda pior. Desta forma, apesar de os obsessivos estarem sempre tendenciosos a se prestarem a desafios – os quais seriam reedições da rivalidade com o pai – também estão submetidos ao fracasso a fim de não o desbancar e, com isso, mantêm-se sempre em dívida consigo. A autora afirma que sujeitos nesta estrutura são, no geral, tristes. Devido ao medo da castração, agravado por um supereu exigente, estão sempre apostando baixo em suas potencialidades, de forma a manterem-se imaginariamente mais seguros, uma vez que costumam precocemente prever suas derrotas.

Kehl (2017) afirma que muitas vezes estes sujeitos passam a vida realizando pequenas tarefas com propósito de manter a ordem no mundo que os cerca, pois precisam atender às necessidades do outro. É também a partir desta “missão fantasiosa” que estão sempre traindo sua via desejante.

Já no que concerne à histeria, e ainda com Kehl (2017), os episódios depressivos costumam advir da frustração relativa à perda do objeto de amor ou da posição de amado. O sujeito histérico lida com a castração tentando personificar o falo para o sujeito com o qual se relaciona de forma a se oferecer, imaginariamente, como sendo “tudo aquilo” que lhe falta.

“A histeria promove uma regressão do *ter* ao *ser*. [...] que não é o objeto do desejo, é o significante da falta no Outro” (KEHL, 2017, p. 210).

A histérica, portanto, se relaciona com o amado oferecendo tudo de si, de forma a tentar fazer dele O Homem que pode desejá-la como a sua Mulher, conferindo a ela, então, o lugar que deseja ocupar, de ser toda no desejo do Outro. Esta dinâmica tem como risco a possibilidade de, no caso de um rompimento, a histérica se ver completamente destituída do lugar que imaginava ter e ir do “tudo” ao “nada”.

Nestes casos, o que se observa na histeria é a chamada “devastação”, derivada da confusão em se oferecer, ao invés de amor na parceria amorosa, como objeto *a*. Contudo, apesar de todo sofrimento relatado nesses episódios – e inclusive naqueles que envolvem as tentativas suicidas - a autora afirma que o objetivo da histérica é sempre recuperar um lugar e não de fato morrer, ainda que a possibilidade do ato suicida não deva ser descartada.

Kehl (2017) cita a psicanalista Maria Marta Assolini para ressaltar outra faceta da histeria, cujas ressonâncias também poderiam ter como consequência sintomas e episódios depressivos: a aposta em um relacionamento amoroso como busca de realização de todas as suas satisfações. Assolini diz, porém, que no caso de as insatisfações não serem trabalhadas em um processo analítico como sendo propulsoras de desejo, podem vir a se tornar crônicas e produzir sintomas psicossomáticos, os quais promoveriam nada além de queixas constantes com relação ao parceiro.

Retornando à Kehl (2017) há ainda outra diferença entre a posição depressiva e as depressões neuróticas. Nesta última, o sujeito defende-se da angústia de castração ao transportar para o Outro a função do objeto *a*, ou seja, fazer desejar, assim o Outro seria aquele que produz o desejo no sujeito. De forma que, então, o sujeito estaria tentando atender a uma demanda que é do outro ao invés de sua demanda de amor. Entretanto, esta dinâmica oferece riscos altos, na medida em que, ao tentar se esquivar de sua angústia de castração pela via fantasiosa de responder às demandas do Outro, pode, na contramão, se defrontar com o lugar angustiante de objeto do Outro.

#### 4 AS NEUROSES E OS OUTROS

Como visto, cada indivíduo passa por uma experiência única relacionada ao complexo de Édipo, mas algo que se assemelha nas diferentes vivências de cada sujeito é que houve alguém que desempenhou, à sua maneira, o papel da maternagem. Importante ressaltar que o

papel da maternagem pode ser ocupado pela mãe, por um cuidador ou por alguém que se disponha a ocupar este lugar.

Massa (2016) retoma considerações importantes acerca da teoria lacaniana do estádio do espelho. A autora afirma que a função da maternagem é de suma importância neste momento do desenvolvimento infantil, visto que é este o período no qual o bebê irá reconhecer uma imagem de si e do outro como figuras diferentes. Massa (2016) ressalta a importância da relação mãe-bebê para a formação da imagem do eu, visto que esta virá a se fundamentar sobre os cuidados e olhar recebidos pelo bebê de seu cuidador. É também a partir desta relação que se forma o eu ideal, a partir daquilo que imagina ser o esperado por este Outro.

Marie-Claude Lambotte, autora do livro “O discurso melancólico: da fenomenologia à metapsicologia” (1997), afirma que a partir da relação estabelecida entre a criança, a mãe e o reflexo - o qual passa então, no estádio do espelho, a ser percebido pelo bebê - é que se sustentará a ideia da imagem do eu pela criança. A autora afirma que a atuação do cuidador está intimamente ligada não apenas à imagem que o sujeito construirá de si, mas à forma como virá a se relacionar consigo mesmo. Esta ideia se justifica uma vez que muito mais é transmitido na relação entre cuidador e bebê do que apenas o cuidado exclusivamente físico. É a partir da percepção da figura do cuidador que o bebê apoiará o próprio reconhecimento para, a posteriori, passar a distinguir singularidades que o caracterizem. O sujeito é apresentado, nesta relação, ao seu lugar no desejo deste outro, ele é investido, ou não, do desejo do Outro.

Em referência a Lacan, Massa (2007) nos lembra que é a partir desta relação, portanto, que o sujeito passa a se localizar e, devido à experiência primeira, se dá sua alienação nesta imagem já legitimada pelo, Outro, da maternagem, mãe, cuidador.

As primeiras sensações do bebê, aquelas advindas das respostas dadas pela mãe às suas necessidades, têm papel fundamental na medida em que, antes de se poder distinguir sujeito e objeto, o infans já está diante do desejo do Outro, e é a este desejo que ele se identifica. (MASSA, 2016, p. 76).

Desta forma, há uma experiência primeira de prazer vinculada a mãe, a qual é impossível de se repetir, está desde sua realização perdida, a qual o bebê tenta persistentemente reviver. A partir da relação que se estabelece com este Outro é que se torna possível ao bebê reconhecer-se como outro diferente, visto que, anteriormente, havia se identificado à imagem e ao desejo da mãe, de quem agora – a partir do estádio do espelho - ele é semelhante, mas ainda diferente. Devido a esse reconhecimento anterior, a imagem que o bebê constrói de si está para sempre relacionada à figura materna, a qual também é representante de afetos primi-

tivos e inconscientes que resultarão na busca recorrente do sujeito (então bebê) por seus duplos, ou seja, pela repetição de uma relação primitiva inconsciente de prazer vivida com a mãe.

Pode-se dizer que, quando se trata de sujeitos neuróticos, houve um tempo, primitivo na vida deste sujeito, onde se estabeleceu uma relação ilusória fusional entre mãe e bebê, quando considerada a percepção deste último. Pelo período desta relação, o bebê acredita que não há nada para a mãe além dele – neste caso, em uma lógica narcísica, ele seria o falo da mãe, ocuparia o lugar de seu objeto *a* -, visto que para ele está ideia seria recíproca. Contudo, ao longo do complexo de Édipo e do complexo de castração, essa ilusão cai, levando o sujeito a perder este lugar exclusivo imaginário no desejo do Outro materno e a se defrontar com uma falta. Como consequência dessa perda, relacionada ao luto pelo lugar anteriormente ocupado pelo sujeito, se dá um processo inconsciente, o qual propicia o que a teoria lacaniana chama de objeto *a* e gozo. O primeiro seria aquilo que o sujeito imagina perder no processo de castração e que quer de volta, causando seu desejo, já o segundo, gozo, se refere a este desejo atravessado pelos ideais impostos ao sujeito que acabam por definir seu desejo como proibido. Assim, o gozo pode ser dito como sendo formas encontradas pelo sujeito para, ainda que de maneira tangente, tentar realizar seu desejo proibido, de forma sofrida, já que foi vetado. Desta forma é que o sujeito, após passar pelos processos explicitados, buscaria seus duplos, ou seja, busca incessantemente essa relação primeira. Com isso, tenta suprir a falta a ele apresentada – seu objeto *a* - a partir da perda de seu lugar na relação ilusória com a mãe, porém com outro par, visto que foi também apresentado à lei que o proíbe a primeira parceria. Como tal experiência jamais pode ser revivida, o que se dá é a busca inconsciente incansável por ela, de formas singulares.

## 5 O EU IDEAL EM UMA SOCIEDADE PRODUTORA DE “IDEAIS”

As dinâmicas de relacionamento entre indivíduos contemporâneos são permeadas por vínculos estabelecidos e reforçados pelas redes sociais virtuais. Estas, por sua vez, expandem seus alcances a cada dia, sempre incluindo um novo grupo, pensando uma nova proposta de serviço, *layout*, tema, facilidade de acesso ou qualquer que seja o produto oferecido. O que se oferece é sempre algo mais rápido, eficiente ou direto de conectar pessoas e transmitir mensagens – via som, imagem, etc. – entre elas.

São vários os aplicativos que possibilitam a postagem de fotos e vídeos para as pessoas de uma lista, e seus usuários contam um número crescente de adeptos. Como consequência

desta prática contemporânea, é também possível fazer destes aplicativos algo rentável, profissões reconhecidas com as quais alguns são bem-sucedidos financeiramente e motivam aspirantes.

Campos (2016) trabalha a subjetividade dos sujeitos contemporâneos considerando estas novas formas de se relacionar. O autor afirma que, devido à ampliação das ofertas de referências simbólicas e espaciais, o que se percebe é um concomitante aumento de parâmetros sociais os quais, exatamente por seu crescimento, não oferecem mais ideais firmes nos quais o sujeito pode se sustentar. Junto a esta nova realidade, também se coloca uma nova relação com o tempo, que parece passar de maneira cada vez mais veloz, vista a rapidez com que são possíveis as trocas de informações. Este cenário, cujas trocas são feitas praticamente em tempo real, possibilita que também as mudanças e novas descobertas aconteçam de maneira mais ágil, tendo como consequência sua mutabilidade, que acompanha o mesmo ritmo.

Essa ampliação no âmbito do espaço e das referências simbólicas é acrescida de uma aceleração no âmbito da temporalidade, marcada pela fragilidade e fugacidade dos parâmetros pautados pela cultura, que se esvanecem e modificam rapidamente, mas cuja perenidade se torna ela própria um princípio e um ideal, de forma tal que a transformação constante para dar conta de um presente que nunca se esgota se torna imperiosa. (CAMPOS, 2016, p. 27).

Assim, o autor segue fundamentando a ideia de que esta nova relação com o tempo/espaço acarreta implicações psíquicas para os sujeitos que as vivem, os quais, diferentemente do que acontecia em épocas anteriores, estabelecem uma nova relação com as ideias de passado e futuro. O autor afirma que a rapidez com que as informações são passadas atualmente resulta em uma perenidade simbólica, uma fraqueza que não ajude a sustentar os ideais, já que a todo o momento são apresentadas ideias mais atualizadas que acabam por fragilizar aquilo que é transmitido. Campos (2016) afirma que esta lógica contemporânea está relacionada ao declínio de um ideal do sujeito moderno e à perda de referências sociais nas quais eles possam embasar a produção de suas identidades.

Tudo isso caracteriza essa ideia geral da falência do ideal de sujeito moderno e da perda de referências sociais e culturais consistentes para a produção de identidades, cujo efeito psíquico sobre as pessoas é a da ordem do desamparo e da insegurança e também do individualismo. (CAMPOS, 2016, p. 27).

O autor descreve esse individualismo como consequência das relações contemporâneas, o relacionando à constante necessidade de uma reinvenção do sujeito, imerso no imperativo de felicidade imposto na atualidade. Diz que o lugar do sujeito contemporâneo é esse mesmo do sem lugar, do identificado a lugar algum, portanto, de constante reinvenção de si.

Campos (2016) afirma que essa sociedade da constante construção do ideal do sujeito – ou seja, constante construção do ideal de eu imaginário de cada sujeito -, resulta em um aumento do narcisismo, que apesar de se relacionar com esse sujeito do individualismo, está diretamente voltado ao outro. O autor sustenta esta ideia ao apresentar a condição de “mostração” que envolve as relações sociais atuais, já que há sempre um outro para quem exibir a si mesmo enquanto uma forma de conteúdo.

Na cultura do narcisismo os indivíduos têm a tarefa de construir-se e manter-se a partir do que é produzido nas relações de consumo, definindo seu status a partir desse circuito de aquisição de bens materiais e culturais, gerando um imperioso hedonismo e individualismo, em que o outro aparece como aquele que pode confirmar a projeção de sua autoimagem [...]. É como se o indivíduo precisasse cada vez mais do reconhecimento do outro na diferenciação de sua identidade, por meio de dispositivos culturais cada vez mais próximos de performances e espetáculos. (CAMPOS, 2016, p. 28).

Neste sentido, afirma que os meios de exposição utilizados hoje em dia, para além de estarem relacionados ao consumismo e à globalização, funcionam também como formas de alienação social.

Como explicitado anteriormente há, em uma fase primitiva da vida do sujeito, uma alienação de si naquilo que é imaginariamente esperado pelo Outro materno, e que tentará ser realizado incessantemente, na ilusão de que com isso seja possível reviver uma experiência para sempre perdida. Desta forma o sujeito contemporâneo, relacionando-se com o que passa a ser seu ideal de eu – vale lembrar, em constante mutação -, produz um eu ideal nele alienado, mais uma vez.

Assim, Campos (2016) aborda a questão de um imperativo de gozo imposto por este social de produção, representação e apresentação fugazes, cada vez mais ligados à ideia de que o psiquismo dos sujeitos nesta lógica imersos sofre suas consequências. Neste sentido, pensando uma dinâmica do social que desconsidera a condição subjetiva dos sujeitos, que visa apenas metas ligadas ao que se pode produzir no âmbito do consumo e da mostração, o autor localiza a possibilidade da depressão como aquilo que não está dentro dos parâmetros desejáveis pelo social atual.

Pode-se pensar, a partir desta ideia, na possibilidade do aumento do número de diagnósticos de depressão como resultado de uma busca infundável pelo alcance de ideais os quais, além de não se fundamentarem solidamente, não são passíveis de serem alcançados. Os sujeitos imersos nesta lógica estão constantemente sentindo que são pressionados a alcançar metas sociais e não conseguem, ou ao menos não conseguem a tempo. Com isso, são apresentados com mais frequência a uma frustração com relação ao imaginado sobre seu eu ideal.

Desta forma, considerando-se a a ideia do eu ideal relacionado ao que é fundante do sujeito, é possível conjecturar acerca da proporção que tais frustrações podem vir a acarretar, alcançando inclusive, quando se tratando de sujeitos neuróticos, estados depressivos.

Em se tratando dos sujeitos nesta posição deprimida, a possibilidade da constante reinvenção de si adquire um caráter diferenciado no que tange à tentativa de atender aos ideais sociais. Na medida em que este sujeito está identificado ao objeto para sempre perdido, não se imagina ocupando um lugar relativo aos ideais sociais contemporâneos, já que estes dizem respeito à superprodução de realizações nos mais variados âmbitos. Desta forma, a possibilidade de alcançar um destes ideias já aparece como negada a este sujeito no mesmo momento em que é a ele apresentada. Este sujeito estaria, portanto, identificado ao lugar daquele que não realiza, o fracasso frente aos imperativos aos quais está submetido.

É importante ressaltar que os sujeitos, quando alienados aos desejos do Outro, traem a sua via desejante tentando atender aquilo que imagina ser o desejo do Outro para si, sempre alinhado ao que fora prévia e imaginariamente percebido como algo a ser realizado por ele, envolto em regras e normas sociais que o antecederam e foram introjetadas antes de serem mais uma vez transmitidas pelo Outro, à ele.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

### *A escuta analítica como proposta frente à frustração*

Quando se pensa acerca do desenvolvimento tecnológico mundial, é necessário considerar também os sujeitos incluídos neste contexto. As descobertas tecnológicas e científicas têm se atualizado de maneira cada vez mais rápida, sempre impulsionando a si, seus próximos passos e, como consequência, a sociedade que é diretamente influenciada por seus avanços.

O uso crescente do número de vendas de produtos que oferecem intervenções medicamentosas voltadas para o tratamento da depressão são um aviso de que, ao que esses dados indicam, possa estar havendo uma dificuldade por parte dos indivíduos em conseguirem seguir na mesma rapidez que se exige no mundo contemporâneo.

As novas formas de se relacionar, como visto ao longo deste trabalho, influenciadas pela emergência imposta pela globalização, também implicam em um constante imperativo de alcance de ideais sociais. Estes, relacionados ao alcance de metas cada vez mais altas e estilos de vida cada vez mais ativos e produtivos. É esperado que os indivíduos consigam solucionar várias tarefas em espaços de tempo cada vez mais curtos, como ser saudável, fazer exercícios,

trabalhar, ter tempo de lazer, se superar. A ideia de “se superar” é explícita e implícita. As propagandas são objetivas em seu comando, mas também deixam a ideia de que com esforço, determinação e organização seria possível alcançar os objetivos com alguma tranquilidade.

Contudo, um discurso que não faz parte desta lógica é aquele que oferece ao sujeito um espaço dissociado das imposições sociais – de alcance de metas e tempos acelerados –, onde ele pode dizer das dificuldades de viver em um contexto no qual parar para fazê-lo é algo discriminado.

A ideia deste trabalho sustenta-se na hipótese de que, ao se deparar com a impossibilidade de alcançar as metas impostas pelo social contemporâneo – seja por sua perenidade frente às constantes mudanças as quais os ideais atuais estão expostos, ou por ao conquista-las perceber sua fragilidade – o sujeito se frustra. Ao nos determos sobre as construções psicanalíticas acerca da importância destes ideais, fundantes do sujeito, é possível entender como estas frustrações podem se apresentar como experiências avassaladoras.

Freud, criador do método psicanalítico, aposta nesta ciência como lugar onde o paciente será escutado e acolhido. O autor acredita que, a partir do conhecimento proposto pela psicanálise sobre a constituição do sujeito, e uma escuta especializada da fala, seja possível acessar algo acerca dos afetos inconscientes na relação transferencial entre analisando e analista.

A partir do processo de análise, o sujeito reatualiza suas relações e tem a chance de revisitar de forma diferente, agora questionadora, as posições por si ocupadas nas suas dinâmicas relacionais. Desta forma, passa a haver a chance de uma nova construção de saídas para as situações cotidianas que se lhe apresentam, já que se daria um giro no discurso que o faria ouvir-se de maneira diferenciada.

Neste contexto, pensamos a psicanálise como uma possibilidade de lugar de fala e escuta diferentes, os quais a partir do processo analítico poderiam vir a levar o sujeito à produção de um saber mais enviesado ao seu próprio desejo. A partir desta produção, a aposta é que poderiam surgir formas de não se sentir tão pressionado pelos comandos sociais contemporâneos. Este outro do social, portanto, poderia ocupar um lugar diferente para o sujeito, que agora teria a chance de não se imergir em seus comandos, mas sim contrabalanceá-los de acordo com seu desejo.

Desta maneira, as produções e investimentos subjetivos não estariam voltados ao outro da forma como menciona Campos (2016), ou seja, em um processo narcísico individualista, mas direcionado e à espera da aprovação de um Outro. De outro modo, poderiam advir maneiras de ainda se relacionar com este Outro, mas alinhavando o lugar e espaço de cada um na

realidade psíquica e social do paciente, que o possibilite apropriar-se mais de si ao invés da busca por responder as demandas do Outro.

## REFERÊNCIAS

- CAMPOS, Érico Bruno Viana. Uma perspectiva psicanalítica sobre as depressões na atualidade. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, v. 7, n. 2, p. 22-44, dez. 2016, Londrina.
- FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. 1. Ed. São Paulo: Penguin, 2011, 96 p.
- FREUD, Sigmund. Luto e melancolia. **A história do movimento psicanalítico 1917 [1915]**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 243-263. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).
- KEHL, Maria Rita. **O tempo e o cão: a atualidade das depressões**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2015. 311 p.
- LAMBOTTE, Marie-Claude; tradução FELGUEIRAS, Sandra Regina. **O discurso melancólico: da fenomenologia à metapsicologia**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1997, 552 p.
- MASSA, Elisa de Santa Cecília. **As horas que separam duas mortes: da melancolia ao impulso suicida**. Curitiba: CRV, 2016.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS DO BRASIL. **OMS registra aumento de casos de depressão em todo o mundo**; no Brasil são 11,5 milhões de pessoas. Disponível em <<https://nacoesunidas.org/oms-registra-aumento-de-casos-de-depressao-em-todo-o-mundo-no-brasil-sao-115-milhoes-de-pessoas/>> Acesso em 11/06/2018.
- PERES, Urania Tourinho. **Depressão e melancolia**. 3.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010, 63 p.
- QUINET, Antônio. **Psicose e laço social: esquizofrenia, paranoia e melancolia**. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. 237 p.
- VIEIRA, Marcus André; BASTOS, Angélica; TEIXEIRA, Antônio. Semiologia da afetividade: o afeto que se encerra na estrutura. In: TEIXEIRA, Antônio; CALDAS, Heloísa (Org.). **Psicopatologia Lacaniana**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. v. 1, cap. 7, 2017, p. 145-166.